



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DO SERIDÓ  
CAMPUS DE CAICÓ  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO EAD  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**KERGINALDO ARAÚJO DE BARROS**

**A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE DA FAMÍLIA À ESCOLA UM OLHAR NA  
EDUCAÇÃO INFANTIL**

**Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de  
Curso – TCC do Curso de Pedagogia EAD polo Caicó  
do Centro de Ensino Superior do Seridó, da  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN,  
como requisito parcial para a obtenção do título de  
Licenciatura em pedagogia, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>.  
Dr<sup>a</sup>. Cristianne Medeiros Cavalcante**

**CAICÓ - RN**

**2017**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DO SERIDÓ  
CAMPUS DE CAICÓ  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO EAD  
CURSO DE PEDAGOGIA

A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE DA FAMÍLIA À ESCOLA UM  
OLHAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

**KERGINALDO ARAÚJO DE BARROS<sup>1</sup>**

**Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>a</sup>. CRISTIANNE MEDEIROS CAVALCANTE<sup>2</sup>**

---

<sup>1</sup> KERGINALDO ARAÚJO DE BARROS. Aluno concluinte do Curso de pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Licenciado em Filosofia com especialização em Ética e Filosofia Política, pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte UERN.

<sup>2</sup> Dra. CRISTIANNE MEDEIROS CAVALCANTE. Orientadora do Curso de Pedagogia e Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, doutora em Educação.

## RESUMO

O presente artigo que aborda a temática teve como objetivo refletir a respeito da educação infantil e a questão da afetividade sob o ponto de vista cognitivo e social. Sua importância está em auxiliar os profissionais da área a entender a relação da escola e família quanto ao desenvolvimento afetivo nesta fase da vida do aluno e aos alunos do curso de pedagogia a relacionar teoria e prática. Sabendo que é essencial essa relação professor/aluno, família e sociedade, para o desenvolvimento da criança no tocante a relação ensino aprendizagem. Portanto, não se pode esquecer que não existe aprendizagem sem afetividade a qual é indispensável para o ser humano que não suporta a indiferença, no sentido afetivo de não receber amor, carinho, respeito e atenção podendo assim tornar-se uma criança/adulto com problemas e sensação de rejeição. Esse artigo se ampara numa pesquisa bibliográfica, em que se recorreu à fundamentação teórica de e argumentos de importâncias teóricas e pensadores da Educação Infantil tais como: Piaget, Vygotsky e Wallon, esses que comentam a necessidade da afetividade, reconhecendo que o cognitivo está associado aos estímulos do afeto, bem como outros pensadores, que corroboraram citados no referencial bibliográfico, como fundamentação a pesquisa bibliográfica.

Palavras-chave: Afetividade, Criança, Cognitivo, Professor, Aprendizagem.

## 1 INTRODUÇÃO

Neste, trabalho de caráter de revisão de literatura, propomos uma reflexão a respeito da afetividade na Educação Infantil enfocada numa perspectiva sociocultural. Isso requer posicionar a Educação Infantil em amplo contexto da educação, considerando-a como a primeira etapa do processo de aprendizagem e de constituição do ser humano como sujeito social.

Neste sentido é de fundamental importância o conhecimento e preparo tanto da família quando do professor para lidar com as crianças/alunos.

Portanto, partindo-se desta ideia de formação do ser social, a afetividade no ambiente escolar deve ser do conhecimento todos que lidam com a criança. Um relacionamento adequado entre professor e aluno é imprescindível para o processo de ensino e aprendizagem se desenvolva. Logo, trabalhar no âmbito da educação já nos oferece uma constante troca de experiências e a questão da afetividade nos permite o conhecimento dos alunos e seus diferentes temperamentos comportamentais advindo da sua base familiar e social.

Entretanto percebe-se que muitas vezes ao invés de existir um relacionamento afetuoso em sala de aula, tornam-se muitas vezes conflitantes, no qual o professor não consegue conter seus alunos em sala de aula, não havendo assim diálogo e respeito estabelecidos como princípios norteadores entre os sujeitos envolvidos, buscando-se assim a disciplina por meio do autoritarismo do ensino tradicional. Conforme Pádua (2010, p.71) destaca:

A formação do ambiente de sala de aula é a principal responsabilidade do docente, que deve ter em mãos os procedimentos que possibilitem sua atuação de forma que se promova um desenvolvimento integral de seus alunos em um ambiente harmônico, de respeito e de afeto, no qual o aluno deve se sentir feliz e capaz.

A afetividade deve estar presente no ambiente da sala de aula, ligada prioritariamente ao processo de ensino-aprendizagem, colaborando para uma aprendizagem significativa e prazerosa.

Entretanto, é no agir e na interação do professor com o aluno onde se percebe essa necessidade de inter-relação afetiva, Dantas (1992, p.90) traz maiores esclarecimentos na perspectiva Walloniana.

A afetividade [...] não é apenas uma das dimensões da pessoa: ela é também uma fase do desenvolvimento humano, a mais arcaica. O ser humano foi, logo que saiu da vida puramente orgânica, um ser afetivo. Da afetividade diferenciou-se, lentamente, a vida racional. Portanto, no início da vida, a afetividade e inteligência estão sinceramente misturadas, com o predomínio da primeira.

O que demonstra que não se pode separar afetividade de aprendizagem e o ambiente onde esta última acontece, pois é nele e nas demais instituições educativas, onde essa se faz mais presente, nas relações entre professores e alunos possibilitando que exista um maior interesse e assimilação de conhecimentos compartilhados entre ambos.

Partindo-se de fundamentações teóricas que nos direcionam a aprofundamento nesta, tem-se como objetivo geral a contribuir para a discussão e formação dos profissionais da educação, principalmente dos professores da educação infantil que lidam diretamente com esse público alvo, até os demais atores como diretores, coordenadores, supervisores, merendeiras e todos os que fazem o corpo administrativo e docente da escola, bem como a família, por ser a base da formação da criança pequena.

Justifica-se a pesquisa a partir de uma inquietação durante o estágio supervisionado nos dois segmentos da Educação Infantil e do ensino Fundamental e do ensino nos anos iniciais. Durante a observação e práticas da regência, percebemos no acolhimento das crianças pequenas dos anos iniciais, uma grande carência afetiva, dentre as quais havia crianças de todos os níveis e classes sociais, pois as referidas escolas as quais atendem um público de alunos com vários problemas sociais. Partindo da família e chegando ao ambiente de sala de aula com esse comportamento familiar.

Relatamos que nestas turmas haviam ainda crianças especiais, e portanto não diagnosticadas também não tendo a devida atenção por parte dos professores, percebendo que havia também a pouca da família em sala, quando por exemplo no

acolhimento, a criança não queria ficar em sala. O que as vezes gerava alguns constrangimento para o professor.

Diante de tal realidade observada. Levantam os seguintes questionamentos: “Como a afetividade contribui para o processo de ensino-aprendizagem e para a melhoria do de desempenho escolar?”. Nossa formação como futuros pedagogos e profissionais voltados diretamente para o fim de educar a criança na sua fase inicial de vida e formação social, realmente nos prepara?

Em termos de organização acadêmica, esta revisão de literatura, divide-se em sua Temática e subtítulos que discorrerão dentro da narrativa e respostas dos teóricos constantes em nossas referencias bibliográficas. Esperando assim atender aos anseios das inquietudes de questionamentos levantados.

## **2 METODOLOGIA**

A proposta de pesquisa aqui apresentada será direcionada para o desenvolvimento de uma investigação bibliográfica em função do problema que se pretende investigar, onde segundo Severino (2007, p.119) nos diz que a abordagem qualitativa ocorre:

Quando se fala de pesquisa quantitativa ou qualitativa, e mesmo quando se fala de metodologia quantitativa ou qualitativa, apesar da liberdade de linguagem consagrada pelo uso acadêmico, não se está referindo a uma modalidade de metodologia em particular. [...] São várias metodologias de pesquisa que podem adotar uma abordagem qualitativa, modo de dizer que faz referência mais a seus fundamentos epistemológicos do que propriamente a especificidades metodológicas.

A pesquisa é de caráter bibliográfico, onde selecionamos obras que contribuam com a fundamentação teórica sobre o assunto, livros, revistas, dicionários e artigos que nos possibilitou o aprofundamento sobre o tema, levando-se em consideração a metodologia do trabalho científico, que de acordo com Severino (2007, p.122):

A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses, etc. Utiliza-se de dados ou

categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos.

A pesquisa bibliográfica foi de fundamental importância na construção deste trabalho científico, pois nos levou a dialogar com autores enriquecendo saberes e ampliando conhecimentos.

Recorreu-se a fundamentação teórica e argumentos de importantes 0 teóricos e pensadores da Educação Infantil tais como: Cunha (2010), Piaget (1983-2001), Vygostsky (1998-2001 e Wallon (1998), que comentam a necessidade da afetividade, reconhecendo que o cognitivo está associado aos estímulos do afeto, bem como outros pensadores, que corroboraram citados ao longo do trabalho.

### **3 CONTEXTO HISTÓRICO DA CRIANÇA NO MEIO MATERNO**

Para entendermos a importância da afetividade, na formação cognitiva da criança, partimos de seu contexto histórico desde a sua concepção ainda no útero da mãe e sua chegada ao grupo social que denominamos família. Para isso, torna-se necessário que recorremos ao contexto histórico da situação das mulheres bem antes de seu reconhecimento como parte integrante da sociedade. Não podemos nos perder do ponto de partida que queremos chegar, fazendo assim um resgate histórico da situação das mulheres dos séculos anteriores, onde abordaremos algumas dificuldades que estas enfrentavam na sociedade de épocas passadas e como as referidas são vistas pela sociedade contemporânea. É de conhecimento histórico que as mulheres não eram tidas como cidadãs, pois a sociedade as tratava com desprezo, fato esse notável que quando nascia uma filha mulher, era motivo de vergonha e revolta para as famílias conservadoras daquela época.

A esse respeito Rizzo (2003, p. 19) assevera:

É importante conhecermos a evolução e transformação do papel da mulher e da criança e do lugar que ocuparam na sociedade, ao longo da história, para entendermos os conceitos e preconceitos que envolveram e nortearam as expectativas a respeito do que seria necessário fazer pela infância.

Ou seja, conforme a percebemos que o papel da mulher era exercer a sua função doméstica, pois aprendia com a sua mãe os afazeres e responsabilidades (de ser dona de casa) tendo como destino casar e servir ao homem no que lhes atribuía a sociedade da época. Era obrigada muitas das vezes a assumir essa responsabilidade ainda muito jovem, ou seja passando assim pelo período de ser criança e tornando-se mulher assumindo o papel de ser a responsável pelos afazeres de casa e da educação dos filhos.

Um dos fatores preocupantes que a mesma assumia, era a procriação, pois muito novas já tornavam-se mães. A família estava ali nascendo e crescendo muitas vezes sem controle e condições de mantê-los, pois não existiam métodos nem controles de natalidades nesta época, passando inclusive por dificuldades de doenças e alto índice de mortalidade infantil. Neste sentido Rizzo (2003, p. 25-26), acrescenta:

As mulheres não tinham melhor assistência dos médicos que as crianças, pois de parto e mazelas femininas, "coisas de mulher", cuidavam as parteiras, que, como mulheres do povo, de condição inferior, podiam "desperdiçar" seu tempo com essa espécie de problemas, sempre associados a sujo, pecaminoso e á culpa. As mulheres deveriam sofrer para ter seus filhos: era seu destino para expulsar a culpa de seu pecado. A sociedade patriarcal a tudo assistia com conformismo e indiferença.

Neste contexto, a criança, no entanto, não era vista como um ser que precisa de cuidados e educação. Com a falta de controle era comum o nascimento de vários filhos, ficando assim difícil para a mãe cuidar de todos, o que lhe obrigava a deixar aos cuidados de avós, tias e até mesmo parentes que não tinham o devido cuidado e afeto. Absorviam uma carga muito grande de ensinamentos e obrigações rígidas, e eram tratadas como adultos em miniatura. Fato esse que quando se tornavam adultos e transmitiam os mesmos costumes e se repetia tratamentos que tiveram armazenados no seu cognitivo durante a sua formação de criança. Corroborando com essa premissa, de que não se pode oferecer aquilo que não se teve, Rizzo (2003, p.22) Confirma:



Aos pais, durante muitos e muitos séculos, até passado muito próximo, foi permitido bater e aplicar em seus filhos qualquer sorte ou castigo ou punição, mas na antiguidade este poder era absoluto, defendido e difundido entre todas as classes sociais, de uma maneira inquestionável, até mesmo pela igreja da época.

Então, ainda nos no século XIX era punitiva, e por falta de conhecimentos e até mesmo a ausência de uma formação educativa, os pais podiam resolver com a força física e castigar as crianças sem ao menos considera-las seres capazes e pensantes. Comportamento esse os quais deixou bastante sequela nas crianças e famílias que eram formadas sob uma falta de conhecimento e pressão, inclusive da própria sociedade. Dentre as quais a própria Igreja, não via a criança nem a mulher como seres sociais.

Somente no século XIX na sociedade contemporânea, logo após a Segunda Guerra Mundial e com o surgimento das indústrias, muitas mulheres viúvas de combatentes da guerra e com filhos órfãos para cuidar, sentiram a necessidade de inserir-se no mercado de trabalho, e muitas crianças eram entregues a orfanatos ou colocadas na roda dos excluídos.

Partindo da necessidade do trabalho para o sustento da família, a mulher começa a buscar soluções para deixar seus filhos seguros enquanto estão fora de casa. Na área urbana, bebês abandonados, por vezes filhos de moças pertencentes a famílias de prestígio social, eram recolhidos na roda dos expostos, conforme Aquino (2001, p.31) nos relata:

A roda dos expostos, como assistência caritativa, era, pois, missionária. A primeira preocupação do sistema para com a criança nela deixada era de providenciar o batismo, salvando a alma da criança, a menos que trouxesse consigo um bilhete – o que era muito comum – que informava à rodeira de que o bebê já estava batizado. No caso de dúvida dos responsáveis pela instituição, a criança era novamente batizada. Mas o fenômeno de abandonar os filhos é tão antigo como a história da colonização brasileira, só que antes da roda, as crianças eram abandonadas e supostamente assistidas pelas municipalidades, ou pela compaixão de quem as encontrava.

Partindo desta preocupação de abandono e exposição das crianças as condições desumanas, é que surge a preocupação de se organizar locais apropriados para deixarem as crianças enquanto a mãe estava no trabalho.

Neste ambiente, a criança não tinha uma educação formal, eram ensinados apenas cânticos religiosos, cuidados com a higiene e também hábitos de comportamento repassando assim alguns valores. Para Kuhlmann (1999, p.61) “filantropia representaria a organização racional da assistência, em substituição à caridade, prática dominada pela emoção, por sentimento de simpatia e piedade.”

Percebe-se que as mudanças sociais e familiares que ocorreram na metade do século XX também modificaram a educação das crianças, com isso refletindo sobre o contexto familiar, onde passou a ter-se uma maior preocupação quanto ao cuidar da criança pequena e seu reconhecimento, onde houve uma mudança crítica no tocante a educação, entre as décadas de 1930 a 1980. E neste sentido Caldana (1995, p.116) nos aponta:

Como eixos principais desta transformação poderíamos apontar que a educação da criança passou de um sentido ‘moral’ ‘em que preocupação central eram os bons comportamento’ para um ‘psicológico’ ‘em que o central é a saúde emocional’; do apoio à sabedoria e à tradição chegou-se à valorização exclusiva do conhecimento técnico-científico; de um conjunto de prescrições claras e definidas a priori em função do comportamento desejado para a criança, de padronização de atitudes paternas. Da priorização do acatamento das normas definidas pelo grupo, à valorização daquilo que é individual e idiossincrático.

A partir de muitas lutas e o começo de uma preocupação, começam a surgir às teorias do desenvolvimento infantil, bem como uma preocupação com a sua condição de ser frágil e detentor de cuidados. E neste contexto que as mulheres também tiveram o seu reconhecimento e contribuição para a formação futura de seus filhos e gerações que formarão os cidadãos, dentro dos comportamentos sociais de valorização a cultura, a educação e ao conhecimento no campo da aprendizagem e afetividade.

Percebemos que tanto o papel da mulher quanto a noção de infância vão ganhando uma imagem diferenciada ao longo dos anos. A noção de infância e sua conceituação não são um fato natural, que sempre existiu; são na verdade produto da evolução da história das sociedades. A valorização da criança na sociedade não ocorre sempre da mesma maneira, mas sim de acordo com a organização de cada

sociedade e as estruturas econômicas e sociais em vigor. Kramer (1984, p.19) mostra que a ideia de infância aparece com a sociedade capitalista urbano-industrial, quando muda o papel social desempenhado pela criança na comunidade:

Se, na sociedade feudal, a criança exercia um papel produtivo direto (“de adulto”) assim que ultrapassava o período de alta mortalidade, na sociedade burguesa, ela passa a ser alguém que precisa ser cuidada, escolarizada e preparada para uma atuação futura. Esse conceito de infância é, pois, determinado historicamente pela modificação das formas de organizações da sociedade.

Partindo daí, começa a preocupação com o cuidar e a educação das crianças. que envolve o conhecimento de quem é este sujeito.

#### **4 TEORIAS COGNITIVAS E SOCIAIS DA CRIANÇA**

É de fundamental importância para se chegar às teorias cognitivas e sociais da criança em nossa pesquisa um maior aprofundamento literário de suas teses conforme autores citados tais como: Jean Piaget, Levi S. Vygotsky e Henry Wallon.

Considerando que as teorias produzidas no contexto da psicologia e da educação, revelam e também impressionam a postura de refletir sobre o pensamento e a linguagem na criança do século XX, em que procura ordenar os respectivos autores às inquietações que definiram esse século na história da psicologia como também da educação. A percepção do que é ser criança organizou o conhecimento e a linguagem articulados a esse processo, em que se transformaram as ciências em práticas sociais.

Fazendo uma comparação entre as teorias desses três teóricos da educação, buscamos perceber as divergências reais entre estas. Em meio a essas divergências podemos evidenciar que a teorização de Piaget é construtivista, com destaque no papel da essência do sujeito, e bem como o autor reestruturou em fundamento funcional os requisitos sobre pensamento e linguagem.

Deste modo, com a visão de pensador e cientista experimental, a Piaget importa o aspecto transformador da teoria do conhecimento.

Já a teoria de Vygotsky, além de, igualmente apontar uma postura construtivista e séria, procura esclarecer o surgimento de mudanças e inovações no desenvolvimento, acreditando que este desenvolvimento dar-se-á através do meio. Como afirma Vygotsky “o comportamento do homem é formado por peculiaridades e condições biológicas e sociais do seu crescimento.

Neste contexto, as influências sociais têm um papel fundamental na construção do sujeito, colocando que é através da cultura que se formam o pensamento e a linguagem. Além dos autores Piaget e Vygotsky, tem-se também a teoria Henry Wallon, com sua teoria da psicogênese da pessoa, para somar conhecimentos sobre o processo de desenvolvimento humano.

A teoria do desenvolvimento de Wallon é centrada na psicogênese da pessoa, ou seja, busca estudar o desenvolvimento do ser humano a partir de uma perspectiva genética pelo viés de uma análise comparativa. Sendo assim, [...] o desenvolvimento da criança se constitui no encontro, no entrelaçamento de suas condições orgânicas e de suas condições de existência cotidiana, encravada numa dada sociedade, numa dada cultura, numa dada época. (Wallon, 2012, p. 130).

Sendo assim, este autor traz contribuições significativas com sua teoria, pois além de acreditar que o desenvolvimento ocorre através do meio, ainda acrescenta a afetividade como suporte essencial para que esse desenvolvimento seja realizado de forma plena, em todos os aspectos, incluindo o ato motor, afetivo, cognitivo, enfim, a evolução da pessoa completa.

Dessa maneira, entende-se que para Vygotsky o desenvolvimento é uma evolução que ocorre da parte externa para a interna, já para Piaget esse desenvolvimento se manifesta do interior para o exterior do sujeito, entretanto para Wallon, o desenvolvimento ocorre através da observação da criança pura, tendo o meio como influenciador para seu desenvolvimento e a afetividade sendo indissociável para a construção dos saberes.

#### 4.1 TEORIAS DO DESENVOLVIMENTO DE JEAN PIAGET

Piaget pintou um magnífico quadro de como as crianças constroem e adquirem o conhecimento. Para isso dedicou mais de 60 anos de rigorosa observação, reflexão e pesquisa, dedicadas por uma das mentes mais criativas e penetrantes deste século. Em geral, os cientistas concordam que Piaget levou as fronteiras do pensamento psicológico tão longe como ninguém jamais o fez.

Tendo o mesmo a sua formação em biologia, Piaget especializou-se no estudo do conhecimento humano, para ele, da maneira como os organismos vivos podem se adaptar geneticamente a um novo meio, assim também existe uma relação evolutiva entre o sujeito e o seu meio, ou seja, a criança reconstrói suas ações e ideias quando se relaciona com novas experiências ambientais.

A esse respeito ( La Taille et ali 1992, p. 18) assegura:

Essa “marcha para o equilíbrio” tem bases biológicas no sentido de que é próprio de todo sistema vivo procurar o equilíbrio que lhe permite a adaptação; e também no sentido em que existem processos de auto-regulação que garantem a conquista deste equilíbrio. Nesse processo de desenvolvimento são essenciais as ações do sujeito sobre os objetos, já que é sobre os últimos que se vão construir conhecimentos, e que é através de uma tomada de consciência da organização das primeiras (abstração reflexiva) que novas estruturas mentais vão sendo construídas.

O homem depende do meio construindo-se como sujeito, explorando os objetos e adaptando-se as mudanças na construção do conhecimento. Ele absorve as informações, assimila as ideias e assim vai acomodando as informações em um processo de equilíbrio e desequilíbrio, selecionando o que realmente irá organizar este saber, sistematizando assim o conhecimento.

Nesse processo contínuo de equilíbrio, desequilíbrio, assimilação e acomodação o indivíduo caminha para organizar todas as informações permitidas pelo meio externo. Conforme exposto, La Taille (et alii 1992,p 18) faz o seguinte comentário:

Se tomarmos a noção do social nos diferentes sentidos do termo, isto é, englobando tanto as tendências hereditárias que nos levam à vida em comum e a imitação com as relações “exteriores” (no sentido de Durkheim) dos indivíduos entre eles, não se pode negar que, desde o nascimento o desenvolvimento intelectual é simultaneamente obra da sociedade e do indivíduo.

Entende-se que na teoria de Piaget, o desenvolvimento pode acontecer de forma espontânea mesmo que seja em um processo lento, mas, que a criança quanto mais estimulada através do meio e respeitando-se os seus limites, ela desenvolve um aprendizado de forma significativa dentro das perspectivas de inserção e desenvolvimento social.

#### 4.2 TEORIAS DO DESENVOLVIMENTO DE VYGOTSKY

A perspectiva sócio histórica de Vygotsky a qual tem embasamento na interação verbal, no diálogo da criança com o adulto, ou seja, o desenvolvimento da linguagem e do pensamento tem origens sociais externas nas trocas comunicativas. Neste caso, a criança aprende com o meio, sendo assim, o desenvolvimento linguístico é, influenciado pelo meio de maneira externa, através da cultura.

Pode-se afirmar que o homem precisa do meio social para se desenvolver, até antes da fala a criança já encontra uma maneira de comunicar-se com o outro, seja através do choro ou de um sorriso e até utiliza gestos para que essa comunicação seja compreendida pelo outro sujeito. Como afirma Vygotsky (2001, p.63) “O comportamento do homem é formado por peculiaridades e condições biológicas e sociais do seu crescimento”.

O conceito de desenvolvimento humano está relacionado a uma sucessão consecutiva de evolução, em que nós percorremos ao longo de todo o ciclo da vida. Esse avanço, nem sempre claro, completa diversos campos da existência, como as partes afetiva, cognitiva, social e motora. Entretanto acerca deste desenvolvimento ao longo de todo o ciclo da vida, Vygotsky (1998, p.61) assevera:

A história do desenvolvimento das funções psicológicas superiores seria impossível sem um estudo de sua pré-história, de suas raízes

biológicas, e de seu arranjo orgânico. As raízes do desenvolvimento de duas formas fundamentais, culturais, de comportamento, surgem durante a infância: o uso de instrumentos e a fala humana. Isso, por si só coloca a infância no centro da pré-história e do desenvolvimento cultural.

Este viajar constante não é determinado apenas por métodos de amadurecimento biológicos ou genéticos. O meio social é o fator de máxima importância que influencia o desenvolvimento humano.

Os seres humanos surgem inseridos em cultura, e certamente esta terá grandes contribuições para seu desenvolvimento. Desta forma, ainda há desencontros teóricos entre as abordagens que serão apresentadas á frente o grau de influência da aprendizagem em meio ao desenvolvimento, esclarecendo que o âmbito cultural é cenário das principais mudanças e evoluções da criança ao ancião.

Toda preparação da vida fornece ao sujeito estímulos significativos para seu desenvolvimento, com isso estamos em constantes transformações. Pozo (2002, p. 60) salienta que "possivelmente em toda atividade ou comportamento humano se está produzindo aprendizagem em maior ou menor dose." Diante desta perspectiva precisamos do outro para que esse desenvolvimento seja completo, sendo assim entende-se que não é possível desenvolver-se de maneira isolada. Existem muitos fatores, tanto biológicos quanto sociais ou históricos que influenciam na constituição do indivíduo.

Assim, ao tratar das funções psicológicas superiores do desenvolvimento da criança, Vygotsky as classifica em dois momentos:

Primeiro no nível social, e, depois no nível individual; primeiro entre pessoas (interpsicológica), e, depois, no interior da criança (intrapicológica). Isso se aplica igualmente para a atenção voluntária, para a memória lógica e para a formação de conceitos. Todas as funções superiores originam-se das relações reais entre indivíduos humanos. (VYGOSTKI. 1998. p, 75)

Percebe-se desta forma que, ao nascer à criança precisa estabelecer uma comunicação com o mundo vivenciando processos na construção do seu

desenvolvimento, para isso precisa de estímulos para construir-se como sujeito ativo, de maneira cultural e social.

#### 4.3 TEORIA DO DESENVOLVIMENTO DE HENRI WALLON.

Para falar sobre a compreensão da infância busca-se a introdução do ponto de vista de Wallon em relação à mesma, onde este apresenta as origens do conhecimento sobre a criança, com sua teoria centrada na psicogênese da pessoa completa, ou seja, estudando o desenvolvimento a partir da gênese percebendo a pessoa como um todo, buscando a contribuição de alguns autores em estudos referentes a esta.

Para falarmos da concepção do afeto, se faz necessário falar do conceito de afetividade, por se tratar de um tema que traz em sua origem um amplo conceito e que envolve uma vasta manifestação de emoções, que segundo Wallon (2008, p.13), “inclui sentimentos (ordem biológica) e emoções (ordem psicológica), que vai se ajustando com o tempo no desenvolvimento da infância”. Com isso, entendemos que tanto a escola quanto o ambiente que envolve a criança devem respeitar as emoções e suas necessidades individuais.

Dando continuidade a compreensão do conceito de afetividade, recorreremos a Nelma Albino da Silva, citando Dantas (2013, p. 3) conceitua afetividade da seguinte maneira: “Afetividade designa [...] os processos psíquicos que acompanham as manifestações orgânicas da emoção. A afetividade pode bem ser conceituada como uma das formas de amor”. Portanto Almeida e Mahoney (2004, p.17) definem afetividade com “capacidade, disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo e interno por meio de sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis.”

Conforme a citação, os homens são seriamente influenciados pelo meio, tanto internos, quanto externos e a afetividade se faz indispensável para que se possa viver em equilíbrio com ele mesmo e com o outro, ela é também responsável pelos sentimentos e emoções.

Aprofundando seus estudos pela curiosidade e observando as crianças que sofriam problemas vítimas da guerra, Wallon trouxe contribuições significativas para as atividades pedagógicas, desenvolvendo sua teoria a partir da psicogênese da pessoa completa, e divide em fases do desenvolvimento da infância.



Entretanto segundo Galvão (1995, p.30,31) divide-se em cinco estágios de desenvolvimento do ser humano que se sucede em fases com predominância afetiva e cognitiva:

- **Impulsivo-emocional**, que abrange o primeiro ano de vida, o colorido peculiar é dado pela emoção, instrumento privilegiado de interação da criança com o meio. Resposta ao seu estado de imperícia, a predominância da afetividade orienta as primeiras reações do bebê às pessoas, às quais intermediam sua relação com o mundo físico;
- **Sensório-motor e projetivo**, que vai até o terceiro ano, o interesse da criança se volta para a exploração sensório-motora do mundo físico. A aquisição da marcha e da preensão possibilita-lhe maior autonomia na manipulação de objetos e na exploração dos espaços. Outro marco fundamental deste estágio é o desenvolvimento da função simbólica e da linguagem. O termo “projetivo” refere-se ao fato da ação do pensamento precisar dos gestos para se exteriorizar. O ato mental “projeta-se” em atos motores.
- **Personalismo** ocorre dos três aos seis anos. Nesse estágio desenvolve-se a construção da consciência de si mediante as interações sociais, reorientando o interesse das crianças pelas pessoas;
- **Categorial**. Os progressos intelectuais dirigem o interesse da criança para as coisas, para o conhecimento e conquista do mundo exterior;
- **Predominância funcional**. Ocorre nova definição dos contornos da personalidade, desestruturados devido às modificações corporais resultantes da ação hormonal. Questões pessoais, morais e existenciais são trazidas à tona.

Estágios acima citadas mostra que o desenvolvimento da criança está atrelado a fatores orgânicos integrados com o meio social e físico, daí o seu enfoque de interação. Quando a criança vai à escola, ela se apresenta com grandes expectativas relacionadas ao ambiente, e, principalmente, pela figura do professor, aquele que irá mediar esse processo de interação.

Neste novo contexto, a percepção positiva de si e do outro é primordial para o desenvolvimento de vínculos e parcerias que irão nortear todo o processo educativo.

Conforme cita o autor fazendo um questionamento, entende-se que a criança não tem noção de responsabilidades, nem de muitas coisas que acontecem a sua volta, mas a mesma está em um processo de desenvolvimento acelerado, sendo assim, compete ao adulto compreender a necessidade da afetividade em toda

fase do desenvolvimento, sabendo-se que esta é imprescindível para o desenvolvimento cognitivo e emocional, já que a criança precisa da compreensão e do apoio do adulto para um pleno desenvolvimento de suas capacidades.

Wallon, em sua teoria psicogênica enfatiza a compreensão do psiquismo do ser e, para isso, no entanto, traz toda sua atenção voltada para a criança, e explicita que somente através dela é viável o acesso a gênese dos procedimentos psíquicos, das finalidades intelectuais. Corroborando com essa teoria, Dantas (1992 p. 85-86) ressalta:

[...] A consciência afetiva é a forma pela qual o psiquismo emerge da vida orgânica: corresponde à sua primeira manifestação. Pelo vínculo imediato que se instaura com o ambiente social, ela garante o acesso ao universo simbólico da cultura, elaborado e acumulado pelos homens ao longo de sua história. Dessa forma é ela que permitirá a tomada de posse dos instrumentos com os quais trabalha a atividade cognitiva.

É através da linguagem e dos símbolos que a criança aprende a expressar o que sente, mas, por outro lado, a criança não consegue adotar uma posição para assumir o seu ponto de vista, porém, ela se deixa envolver por ideias que podemos chamar de incondicional.

Diante disto, a criança opera com imagens e palavras, mas se as imagens vierem de sua experiência pessoal, as palavras acabam acontecendo para o outro de maneira mais instruída. Nesta interação entre assegura Ferreiro (1985, p.22) “No lugar de uma criança que recebe pouco a pouco uma linguagem inteiramente fabricada por outros, aparece uma criança que reconstrói por si mesma a linguagem, tomando seletivamente a informação que lhe provê o meio”.

A aprendizagem da linguagem origina um tipo de funcionamento em que a linguagem se adianta ao conhecimento e à compreensão, ou seja, antes mesmo da criança reconhecer o mundo, ela já aprende a falar com o outro. A esse respeito, GALVÃO (1995, p. 38) comenta:

Buscando compreender o psiquismo humano, Wallon volta sua atenção para a criança, pois através dela é possível ter acesso à gênese dos processos psíquicos. De uma perspectiva abrangente e global, investiga a criança nos vários campos de sua atividade e nos

vários momentos de sua evolução psíquica. Enfoca o desenvolvimento em seus domínios afetivo, cognitivo e motor, procurando mostrar quais são, nas diferentes etapas, os vínculos entre cada campo e suas implicações com o todo representando a personalidade.

Nesta perspectiva entende-se que a criança encontra-se em um processo de evolução e seu desenvolvimento chama a atenção do autor por entender que é nesta fase que a criança desenvolve sua personalidade, sendo necessários cuidados especiais voltados para essa etapa da vida, pois a criança está formando também seu caráter incluído valores na construção do desenvolvimento, esta se tornará um sujeito completo.

## **5 AFETIVIDADE NA FORMAÇÃO SOCIAL E EDUCACIONAL DA CRIANÇA**

O estudo sobre afetividade nos leva a outros patamares além da família, escola e sociedade, é um tema de caráter subjetivo e demasiadamente difícil de compreensão, o que nos leva a maior esclarecimento retomando-se a sua conceituação mais a priori, conforme ABBAGNANO (2000, p. 21):

AFETO (lat. *Affectus*; in. *Afection*; fr. *Afection*; al. *Affektion*; it. *Affetto*) Entendem-se com esse termo, no uso comum, as emoções positivas que se referem a pessoas e que não têm o caráter dominante e totalitário da paixão.(v.). Enquanto as emoções podem referir-se tanto a pessoas quanto as coisas, fatos ou situações, os A. constituem a classe restrita de emoções que acompanham algumas relações interpessoais (entre pais, e filhos, entre amigos, entre parentes), limitando-se à tonalidade indicada pelo adjetivo “afetuoso”, e que, por isso, exclui o caráter exclusivista e dominante da paixão. Essa palavra designa o conjunto de atos ou de atitudes como a bondade, a benevolência, a inclinação, a devoção, a proteção, o apego, a gratidão, a ternura, etc., que, no seu todo, podem ser caracterizados como a situação em que uma *pessoa* “preocupa-se com” ou “cuida de” outra pessoa ou em que esta responde, positivamente, aos cuidados ou a preocupação de que foi objeto.

Percebe-se que segundo o autor acima mencionado, a afetividade é bem mais significativa no contexto do cuidar, principalmente quando se trata da formação

cognitiva e da aprendizagem significativa da criança, o quanto o seu conceito somente como emoções. Conforme ROUSSEAU (1999, p. 4) “Apesar de tantos escritos que, segundo dizem, só têm por fim a utilidade pública, a primeira de todas as utilidades, que é a de formar os homens, ainda está esquecida.” Ele corrobora com as ideias dos conceitos da afetividade, e acrescenta ainda quanto à formação da criança no ente familiar e em todas as esferas sociais. Assevera:

Não se conhece a infância; no caminho das falsas ideias que se têm quanto mais se anda, mais se fica perdido. Os mais sábios predem-se ao que aos homens importa saber, sem considerar o que as crianças estão em condições de aprender. Procuram sempre o homem na criança, sem pensar no que ela é antes de ser homem. Eis o estudo a que mais me apliquei, para que, mesmo que meu método fosse quimérico e falso, sempre se pudessem aproveitar minhas observações. (ROUSSEAU, 1999, p. 04).

Sempre que se coloca a educação em pauta ocorre o conceito de que educar significa repassar informações, mostrando o caminho a qual o aluno deve seguir, repassando conteúdos no qual o professor acredita ser o correto. Educar é o simples fato de ajudar o educando a tomar consciência do que é realmente certo quando se é ensinado, bem como qual será o seu papel dentro da educação. É saber aceitar o conhecimento do saber, permitindo, também, seus desafios e qualidades intercalando saberes no contexto de ensino-aprendizagem. A área da educação oferece diversas opções para que a pessoa possa seguir a trajetória que idealiza, determinando aquilo que almeja para o futuro, descobrindo caminhos e aprendendo valores que mudarão a visão de mundo, com situações adversas que cada um irá encontrar no percurso de sua caminhada. Logo, quando se fala sobre este conceito envolve-se em meio a outras concepções, para confirmarem a definição desta conceito de tão grande importância na vida dos seres humanos e principalmente as crianças.

A afetividade é o conjunto funcional amplo que, além de envolver um componente orgânico, corporal, motor e plástico, que é a emoção apresenta também um componente cognitivo, representacional, que são os sentimentos e a paixão. O primeiro componente a se

diferenciar é a emoção, que assume o comando do desenvolvimento logo nos primeiros meses de vida; posteriormente, diferenciam-se os sentimentos e, logo a seguir a paixão. A afetividade é o conjunto funcional que responde pelos estados de bem-estar e mal-estar quando o homem é atingido e afeta o mundo que o rodeia. Ela se origina nas sensibilidades orgânicas e primitivas [...] (MAHONEY, 2004, p. 61).

Percebe-se que a afetividade é desenvolvida durante toda a vida, é essencial para a nossa sobrevivência e aceitação de mundo, é através destas relações que o ser humano sobrevive e constrói sua história, a partir de relações interpessoais.

Neste sentido retornamos as contribuições de Wallon (apud GALVÃO, 1995, P. 39-40) sobre o seu pensamento afetivo:

O estudo da criança contextualizada possibilita que se perceba que, entre os seus recursos e os de seu meio, instala-se uma dinâmica de determinações recíprocas: a cada idade estabelece-se um tipo particular de interações entre o sujeito e seu ambiente. Os aspectos físicos do espaço, as pessoas próximas, a linguagem e os conhecimentos próprios a cada cultura formam o contexto do desenvolvimento. Conforme as disponibilidades da idade, a criança interage mais fortemente com um ou outro aspecto de seu contexto, retirando dele os recursos porá o seu desenvolvimento. Com base nas suas competências e necessidades, a criança tem sempre a escolha do campo sobre o qual aplicar suas condutas. O meio não é portanto, uma entidade estática e homogênea, mas transforma-se juntamente com a criança.

Diante desta citação de Wallon chega-se a refletir quanto a importância da afetividade, e, portanto traz a tona uma questão muito importante, a criança por vários estágios de interação, ou seja, a sua forma de relacionar-se com pessoas vai mudando ao longo do tempo. Isso é bom, pois mostra que ela está se desenvolvendo, principalmente as crianças tímidas, que tinham dificuldades de interagirem, tanto em casa com a família quando na escola e o meio social.

A relação que existe entre afetividade e os demais aspectos do desenvolvimento no ensino-aprendizagem é o que possibilita essa formação sensorial da pessoa. Então ao referenciar as concepções sobre afetividade, sempre, iremos encontrar autores que abordem outras opiniões a respeito do conceito da

afetividade, mas que estas sejam condizentes com ações de harmonia entre as pessoas que se relacionam na vida cotidiana escolar e, toda vez que houver relações harmônicas haverá boas situações de afinidade.

## 5.1 RELAÇÕES AFETIVAS EM SALA DE AULA

Pretende-se neste trabalho discutir a importância da afetividade no ambiente escolar, pois é onde a criança pequena tem seu contato mais imediato com a sua formação para o saber.

Deve-se saber os benefícios que os profissionais da Educação conseguem detectar em seus alunos com a prática da afetividade no processo do ensino aprendizagem das crianças.

O professor, principalmente da Educação Infantil, não deve ter a preocupação de somente ensinar a criança a escrita e a leitura, é preciso afeto, para poder formar cidadãos, o amor é uma força propulsora que incentiva o progresso continuamente, e deve-se observar principalmente qualquer criança que esteja passando por dificuldades em sua vida afetiva, pois não são muito difícil de diagnosticar, elas mesmas tornam-se mais amáveis, carente ou até mesmo mais rebelde.

O educador é, certamente, a ponte para o processo de educar, devendo ser avaliado como um elemento de princípios essencial e fundamental quando se trata da educação. Enfatizar o diálogo e o afeto, como algo indissociável na relação professor/aluno significa o crescimento tanto para o docente, quanto para aquele que busca o conhecimento. Segundo LIBÂNEO (1994, p.91)

O professor não transmite apenas informações ou faz perguntas, ele também deve ouvir os alunos. Não estamos falando da afetividade do professor para com determinados alunos, nem de amor pelas crianças. A relação maternal ou paternal deve ser evitada, porque a escola não é um lar. Os alunos não são nossos sobrinhos e muito menos filhos. Na sala de aula, o professor se relaciona com o grupo de alunos. Ainda que o professor necessite atender um aluno especial ou que os alunos trabalhem individualmente, a interação deve estar voltada para a atividade de todos os alunos em torno dos objetivos e do conteúdo da aula.

No entanto quanto maior e mais rica for sua história de vida e profissional, maiores serão as possibilidades do professor desempenhar uma prática democrática efetiva que eduque positivamente.

Neste sentido Nóvoa (1995) “afirma que não é possível construir um conhecimento pedagógico para além dos professores”, isto é, que ignore as dimensões pessoais e profissionais do trabalho docente”. Porém, não se quer dizer, com isso, que o professor seja o único responsável pelo sucesso ou insucesso do educando durante sua vida educativa, mas sim, que o seu papel é de vital importância, seja como pessoa ou como profissional para a formação do seu aluno, a partir da criança pequena do ensino infantil que tem sua prioridade a formação dos 0 a 6 anos de idade, até o aluno das séries mais avançadas.

Tanto as creches quanto as escolas precisam ser ambientes acolhedores, onde as crianças sintam-se confortáveis, para aprenderem se relacionarem umas com as outras e também com os adultos. A escola é de fundamental importância para que a criança aprenda a viver em sociedade e respeitar o outro. É na escola que ela aprende limites de uma forma carinhosa, quando leva a sério o processo de afetividade dentro dos muros escolares. O que também tem a sua contribuição no aproveitamento do aprendizado da criança enquanto em seu convívio familiar.

A afetividade, de acordo com Antunes (2006, p.5) é:

Um conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções que provocam sentimentos. A afetividade se encontra escrita na história genética da pessoa humana e deve-se a evolução biológica da espécie como o ser humano nasce extremamente imaturo, sua sobrevivência requer a necessidade do outro, essa necessidade se traduz em amor.

Para que haja esse processo educativo efetivo é necessário que algo mais permeie essa relação aluno-professor. É esse algo a mais que falta em diversas instituições de ensino. A afetividade, uma relação mais estreita entre o educando e o educador. A inter-relação entre os sentimentos, os afetos e as intuições na construção do conhecimento tem sido enfatizada sobre o processo da afetividade

acontecido na sala de aula, intermediando a relação professor x aluno dentro do ambiente escolar.

E com isto, percebe-se que esta relação afetiva entre professor e aluno, deve ser significativa para que haja a construção do conhecimento, através de uma relação sólida baseada no diálogo e na confiança. O ensino deve ser fundamentado com uma relação afetiva positiva entre professor e aluno para que haja um melhor desenvolvimento da aprendizagem da criança, fazendo esta perceber a necessidade do desenvolvimento de maiores relações na sala de aula para verificar se o fortalecimento das relações afetivas entre ambos está contribuindo para um melhor resultado escolar.

O conceito da afetividade desempenha um papel importante em todas as relações, influenciando os sentimentos do pensamento, da percepção, da autoestima, da memória, das ações, da vontade e, sendo componente fundamental de harmonia e do equilíbrio para a maior progressão de ambos. Os comportamentos afetivos com características de emoções, de sentimentos geram maior receptividade.

A palavra emoção é a máxima intensidade do afeto. Isto é, permeando o estado psicológico, permitindo ao ser humano a demonstração de suas emoções e os sentimentos demonstrados do outro ser. Considerado também a afetividade ao laço criado entre humanos com uma amizade mais considerável, de vínculos afetuosos que gerem relações prósperas entre as consideráveis amizades.

## 5.2 AS RELAÇÕES AFETIVAS NA CONSTRUÇÃO DO SABER

Constata-se que a relação de afetividade presente no contexto escolar vem se difundindo, a cada dia, constante e oportuno a diversos conflitos, pois existe a descrença de que a instituição escolar possa se constituir num meio de construção de conhecimento, formando pessoas conscientes e que sejam participativas nas atividades feitas na sala de aula. Segundo afirma MATURANA, (1999, p. 23) “Os sentimentos em relação a ela têm sido de desilusão, desencanto e impotência diante dos inúmeros problemas cotidianos. Um deles refere-se às relações eu-outro, a não aceitação do outro como um legítimo outro na convivência.” Com isso, a incapacidade de lidar com os conflitos ocorridos no convívio social estão ligados a



questões da afetividade que se relacionam a sentimentos de emoção presentes em todas as relações humanas.

Outros problemas estão inseridos nas relações de afetividade dentro da sala de aula e, estes acabam implicando num grande desafio relacionado às questões sociais e pedagógicas, logo estas são influenciadoras no contexto educacional. Mas, desta forma, é fundamental enfrentar este desafio como uma possibilidade de transformação em que a procura e a conversa entusiasme a capacidade que tenham reflexos na construção de uma visão de conhecimento do saber. Levando em conta que a pessoa concreta contextualiza o tempo e o espaço, professor e aluno, estes atuantes no setor educativo que caracterizam relações de pensamento, sentimentos, decepções e amores. O indivíduo atribui um espaço singular que busca interações plurais, questionando semelhanças ao conflito, às diferenças, causando relações de afetividade adversas. Conforme assevera: Almeida (2001)

Os conflitos são essenciais ao desenvolvimento da personalidade. O conflito faz parte da natureza, da vida das espécies, porque somente ele é capaz de romper estruturas prefixadas, limites predefinidos. O conflito atinge os planos sociais, morais, intelectuais e orgânicos (ALMEIDA, 2001, p. 85).

Assim, com a intenção de delinear caminhos que nos permitam a investigação da relação entre o afetivo e que tenham um processo mental de percepção de raciocínio no contexto da sala de aula, pois a relação existente entre afetividade e cognição no processo de ensino-aprendizagem e gera uma relação afetiva do sujeito com os outros, como um meio instigante no processo de ensinar e aprender dos conhecimentos dos saberes.

## **6 A AFETIVIDADE NOS DOCUMENTOS OFICIAIS**

É de grande relevância o conhecimento nos documentos oficiais do Ministério da Educação, quanto a Educação Infantil, visto que a mesma tem respaldo legal

para seu desenvolvimento, conforme reza o artigo 29 da Lei de diretrizes e Bases da Educação – LDB (Lei 9394/96) no que assegura:

Art. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (Redação dada pela Lei nº. 12.796, de 2013) ((BRASIL, 1996, p.13):

A criança é um ser social, dotado de particularidades, por essa razão merece um olhar diferenciado. Sabe-se que a noção de infância é algo recente, antigamente a criança era vista apenas como um adulto em miniatura. Hoje, portanto nossas discussões tentam sempre aprimorar-se para que a Educação Infantil seja da melhor qualidade, pois em suas mãos está a base do desenvolvimento intelectual, crítico e moral da criança.

Podemos constatar que a Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, vem cada vez mais adquirindo um vasto espaço no âmbito educacional, e essa mudança pode ser constatada mediante a aprovação da Lei nº 12.796, de quatro 04 de Abril de 2013, neste caso essa mudança altera a Lei Diretrizes e Bases nº 9394/96,), sancionada pela então presidenta da República a senhora Dilma Rousseff tratando assim a Educação como sendo obrigatória e gratuita a Educação Básica, a partir dos quatro anos de idade. No entanto, a Educação Infantil se tornou obrigatoriamente respeitada por Lei, como de suma importância para a fase do desenvolvimento da criança, segundo o artigo 29 da LDB.9394/96

Nesse âmbito percebe-se que a criança tem direito assegurado por lei de frequentar á escola de Educação Infantil, de 0 a 5 anos, o professor, junto á família e a comunidade escolar, tem o papel de cuidar e educar essas crianças, que devem passar pelo menos 4 horas tendo seu desenvolvimento mediado, sistematizando assim o conhecimento desses pequenos em sua plenitude respeitando cada uma de suas fases.

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, produzido em 2009, e elaborado através do Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, assegura que:

[...] O MEC, através da Secretaria de Educação Básica desenvolveu um Projeto de Cooperação Técnica com a Universidade Federal de Rio Grande do Sul que resultou nos documentos Relatório de pesquisa: contribuição dos pesquisadores à discussão sobre ações cotidianas na Educação das crianças de 0 a 3 anos. (MEC, 2009b) e Práticas cotidianas na Educação Infantil – bases para a reflexão sobre as orientações curriculares (MEC, 2009c). (BRASIL, 2009, p. 27)

A declaração citada mostra o valor da Educação Infantil, tendo como foco especial as crianças de 0 a 3 anos de idade que frequentam a creche. As escolas de Educação Infantil são propícias para que as crianças tenham a oportunidade de terem um convívio coletivo e social com outras crianças, aproveitando assim a infância, e os adultos que a cercam, precisam assegurar-lhes a satisfação destas, com trocas de afeto, acolhimento e dedicação.

O Referenciais Curriculares Nacionais da Educação Infantil é um documento fundamental para os professores, principalmente aqueles que se dedicam a Educação Infantil, por deixarem de forma clara os princípios que regem essa parte da educação Básica, mostrando a importância e a ligação desses na origem do afeto.

O RCNEI, (1998, p.23). Quando debate a compreensão do cuidar e educar na Educação Básica no tocante ao educar, expõe que o professor, deve auxiliar seus alunos oferecendo contribuições significativas para o desenvolvimento de crianças felizes e saudáveis através do “[...] desenvolvimento das capacidades corporais, afetivas, emocionais, estéticas e éticas”. Neste âmbito, educar na Educação Infantil, é proporcionar ao aluno, situações de interação com o outro, para que só assim, possam despertar a afetividade e as emoções em trocas de experiências.

Quando ressalta o cuidar, o RCNEI, (1998), reforça que o desenvolvimento integral da criança baseia-se nos trabalhos de interação, envolvendo uma grandeza afetiva nas questões biológicas do corpo, (comida, higiene, saúde), essa é a parte onde a criança necessita dos cuidados.

As capacidades de ordem cognitiva estão associadas ao desenvolvimento dos recursos para pensar, o uso e apropriação de formas de representação e comunicação envolvendo resolução de

problemas. As capacidades de ordem afetiva estão associadas à construção da autoestima, às atitudes no convívio social, à compreensão de si mesmo e dos outros. (BRASIL, 1998, p. 48)

Nesse percurso o educador deve mediar o conhecimento para que haja uma troca significativa de aprendizagem, baseada no afeto e respeito ao próximo, formando assim cidadãos compromissados e bem resolvidos com o futuro.

De acordo com esse Referencial (BRASIL, 1998) para uma boa interação entre os adultos e a criança, é necessário uma relação de confiança, incentivo, afetividade, e que esses limites sejam colocados de forma clara e afetiva. Neste sentido, o professor (a) deve ter consciência de que o vínculo é, para a criança “fonte continua de significações” (BRASIL, 1998, p.49) Portanto a criança deve ser sempre valorizada e respeitada em suas relações sociais, tendo os cuidados necessário e uma educação totalmente voltada para a interação desenvolvendo assim todas as capacidades do individuo, para que o mesmo possa reconhecer-se como sujeito cultural social.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente artigo teve a pretensão de discutir uma temática tão significativa para o campo da Educação Infantil, que foi a afetividade. Partindo da curiosidade e preocupação quanto ao comportamento das crianças, as quais observamos no período de estágio supervisionado e durante a regência na Educação Infantil, pode-se começar a construir o pensamento de dissertar e pesquisar mais a profundo o porque, o tema é tão abrangente, significativo e ao mesmo tempo prazeroso de pesquisar.

Entretanto durante a pesquisa percebemos nossas limitações sobre a temática afetividade, procurando da melhor forma respostas para os questionamento que nos inquietavam diante da observação em sala de aula.

Encontramos respostas na pesquisa bibliográfica recorrendo a renomados teóricos que dedicaram seus estudos a esse fim, tais como Piaget, Vygostky e Wallon, os quais se aprofundam mais quando ao comportamento, cognitivo, social e afetivo da criança pequena, sendo assim importantes para o

estudo e conhecimento da criança, no que se diz respeito a Educação Infantil, entre outros pensadores e teóricos da educação que também corroboraram com seus conhecimentos e uma melhor fundamentação teórica desta pesquisa.

Entende-se que a pesquisa nos mostrou a importância da afetividade no sentido de afeto mais voltado para o cuidar, dar atenção, acompanhar, e praticar uma aprendizagem significativa e prazerosa para o aluno no que se diz respeito a educação, bem como a importância da formação dos educadores para somente assim poderem através de qualificações, tornarem-se capazes de lidarem com esse público tão frágil, advindo do seio familiar e deparando-se com o mundo social o qual tem seu primeiro contato com a educação no ambiente escolar. Ou seja na sala de aula, pois é aí onde os atores interagem de maneira participativa onde o professor precisa estar capacitado para conhecer e ajudar na formação crítica, moral, ética e social destas crianças, as quais daí, surgem os futuros cidadãos, conscientes de seus deveres e direitos sociais.

Conclui-se, portanto, tendo a convicção de que alcançamos o objetivo e questionamentos levantados, com respostas advindas de nossos teóricos através deste artigo. Deixa-se em aberto a temática, para que outros possam assim darem continuidade a um assunto que a cada dia passa por transformações, tanto sociais, quanto no tocantes as Leis de Diretrizes e Bases, bem como as novas legislações e artigos da políticas públicas que se modificam a cada momento, com emendas a nossa Constituição de 1988.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. 1901 - **Dicionário de filosofia**/ 1ª Ed. coordenada e revista por Alfredo Bosi; revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti – 4ª Ed – São Paulo: Martins , 2000.

ALMEIDA, Ana Rita Silva. **A emoção na sala de aula**. São Paulo: Papyrus, 2001.

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; MAHONEY, Abigail Alvarenga. **A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

AMORIM, M.C.S.D.; NAVARRO, EC. Afetividade na Educação Infantil. Interdisciplinar: Revista Eletronica Univar (2012) nº 7.

ANTUNES, Celso. **A afetividade na escola: educando com firmeza**. Londrina: Maxiprint, 2006.

AQUINO. L. **As políticas sociais para a infância a partir de um olhar sobre a história da criança no Brasil**. In: ROMAM E. D. STEYER V. E. A criança de 0 a 6 anos e a educação infantil: um retrato multifacetado. Ulbra, 2001.

BRASIL. 1998. **Referencial curricular nacional para a educação infantil: introdução**. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação. Brasília, SEF, 1, 101 p.

BRASIL. Ministério da Educação Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Concepções E Orientações Curriculares da Educação Básica. **Subsídios para Diretrizes Curriculares Nacionais Específicas da Educação Básica**. Brasília , 2009. Disponível em: Acesso em 27 de Setembro de 2017.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei no 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: Acesso em 27 de Setembro de 2017.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil: introdução**, Vol. 1, Brasília, 1998.a

CALDANA. R. H. L. **A educação de filhos em camadas médias: transformações no Ideário de pais. Temas de psicologia**. São Paulo: n1, 1995.

CARDOSO, Bruna Puglisi de Assumpção. **Práticas de linguagem oral e escrita na educação infantil**. São Paulo: Anzol, 2012.

CUNHA, Antônio Eugênio. **Afeto e Aprendizagem: relação de amorosidade e saber na prática pedagógica**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Wak, 2010.

DANTAS, H. (1992) **Afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon, em La Taille, Y., Dantas, H., Oliveira, M. K. Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus Editorial Ltda

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua**. Porto Alegre; Artes Médicas.1985.p.22

FREITAS, M.T.A. de. Vygotsky e Bakhtin: **Psicologia e Educação: um intertexto**. São Paulo: Editora Ática, 2000.

GALVÃO, Izabel. **Uma reflexão sobre o pensamento pedagógico de Henri Wallon**. In: Cadernos Idéias, construtivismo em revista. São Paulo, F.D.E., 1993.

\_\_\_\_\_. Henri Wallon: **Uma concepção dialética do desenvolvimento Infantil** - Petropolis, RJ: Vozes, 1995.

HOUAISS, Antônio. **Minidicionário da Língua Portuguesa** / Organizado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco dedados da Língua Portuguesa. S/C – 2. Ed. Ver. E aum. Rio de Janeiro: Objetiva. 2004.

KREMER, SONIA. **A política do pré-escolar no Brasil: A arte de disfarce**. Rio de Janeiro: Achiamé. 1984

KULHMANN, JR.M. **Educação Infantil e Currículo**. In FARIA. A.L.G, PALHARES. M. S. Educação infantil pós LDB: rumos e desafios. São Paulo: Autores Associados, 1999.

LA TAILLE, Yves de. **O lugar da Interação Social na Concepção de Jean Piaget**. In: **Piaget, Vygotsky, Wallon: Teorias Psicogenéticas em Discussão**. São Paulo: Summus, 1992, p. 11-2.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 1994

MAHONEY, Abigail Alvarega et al. **A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon**. São Paulo: Loyola, 2004.

MATURANA, Humberto. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

NÓVOA, A. Os professores e a sua formação. 2ª ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

PADUA, Ivone. **Pedagogia do afeto: a pedagogia logosófica na sala de aula**. Rio de Janeiro: Wak Editora. 2010.

PIAGET, Jean. **Os pensadores**. São Paulo: Abril. 1983.

\_\_\_\_\_. **Inteligência e Afetividade**. São Paulo: Abril. 2001.

RIZZO, Gilda. Creche: **Organização, montagem e funcionamento**. 3.ed.Rio de Janeiro:Bertrand Brasil, 2003.

ROUSSEAU, Jean Jacques. 1712-1778. **Emílio, ou Da Educação**/J.J.Rousseau; tradução Roberto Leal Ferreira – 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes. 1999. (**Paidéia**)



SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

WALLON, Henri. *As origens do pensamento na criança*. São Paulo: Manole. 1989.

\_\_\_\_\_. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo, Martins Fontes, 2010

RIBEIRO, A. M. *Curso de formação Profissional em Educação Infantil*. Rio de Janeiro:EPSJV/ Creche Fiocruz, 2005.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1998.

VIGOTSKY, L. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WALLON, Henri. **A Evolução Psicológica da Criança**. Portugal: Edições 70, 1998.

SITES:

Disponível em: <https://walkiriaroque.com/2010/11/20/piaget-vygotsky-e-wallon-tripe-teorico-da-educacao-2/>. Acesso em 26 de julho

## REFERÊNCIAS

